

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Vanessa Cazali Magalhães

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER:
uma análise dos sentidos

Taubaté, SP
2020

Vanessa Cazali Magalhães

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER:
uma análise dos sentidos**

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Bacharel pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Camila Young Vieira

**Taubaté – SP
2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

M188v Magalhães, Vanessa Cazali
Violência Psicológica Contra a mulher : uma análise dos
sentidos / Vanessa Cazali Magalhães. -- 2020.
50 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Ma. Camila Young Vieira, Departamento de
Psicologia.

1. Relacionamento abusivo. 2. Violência psicológica. 3.
Violência contra a mulher. 4. Psicologia. 5. Psicologia sócio -
histórica. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia.
Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 362.7

VANESSA CAZALI MAGALHÃES

**VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER:
uma análise dos sentidos**

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Bacharel pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Camila Young Vieira

Data: 16/11/2020

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa Me. Camila Young Vieira

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

RESUMO

Considera-se relacionamento abusivo aquela relação que apresenta alguma violência, podendo ser violência psicológica ou física. O enfoque deste trabalho será nos relacionamentos que apresentam violência psicológica, essa violência é caracterizada quando uma das pessoas na relação tenta controlar, manipular e humilhar a outra. É uma violência difícil de ser identificada em um relacionamento, pois há falta de informações e conhecimentos pelas mulheres, além disso, os primeiros sinais são bem sutis e difíceis de serem identificados, pois vêm camuflados de ciúmes e preocupação. Este artigo tem como objetivo geral compreender os sentidos atribuídos por mulheres que experienciaram um relacionamento abusivo. Têm como objetivos específicos compreender o processo sócio histórico das relações abusivas, compreender os afetos e percepções de mulheres que passaram por isso e discutir as facilidades e dificuldades no enfrentamento dessa situação. Esta pesquisa delinea-se qualitativa com estudo de caso, para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas mulheres adultas que já sofreram violência psicológica dentro de um relacionamento e que aceitaram participar deste estudo. A análise foi realizada a partir da categoria Sentido – Significado de Vigotski, que consiste em um método que vai além da função instrumental, objetivando compreender a relação sujeito/objeto com a própria constituição do sujeito. Os resultados foram organizados em dois núcleos e três subnúcleos de sentidos, sendo eles: a) Percepções e afetos vividos na experiência do abuso, este núcleo apresenta 3 subnúcleos, como “Caiu a ficha”: aspectos gerais da percepção do abuso; “Eu sempre abaixava a cabeça”: Sobre o sentimento de impotência perante o abuso; “Eu me moldei muito para encaixar naquilo que ele gostava”: Sobre os sentimentos de perdas de aspectos do eu; b) O ciclo do abuso. Conclui-se que o estudo atinge seus objetivos e perpassa por um processo sócio – histórico para compreender as relações abusivas vividas por mulheres no Brasil, por conseguinte, identificou-se percepções, no qual, ambas participantes tiveram dificuldades para identificar o abuso em seus relacionamentos, pois o abuso veio camuflado de ciúmes, preocupação, cuidado e amor. Sobre os sentimentos experienciados, ambas relatam sentimento de impotência perante ao abuso e perdas de aspectos do eu.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo. Violência psicológica. Violência contra a mulher. Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

It is considered abusive relationships those relationships that contain any type of violence, which may be psychological or physical violence. The focus of this research will be on relationships that manifest psychological violence, which is characterized when one of the people in the relationship tries to control, to manipulate and to humiliate the other. It is a difficult type of violence to be identified in a relationship, because there is a lack of information and knowledge by women. The first signs are very subtle and difficult to be noticed, because they are brought camouflaged by jealousy and concern. This article has the general objective of understanding the feelings exposed by women who has experienced an abusive relationship, however, there are specific objectives like the socio-historical process of abusive relationships, understanding the affections and perceptions of women who went through this inopportune situation and discussing how easy and how difficult to face this situation. This research is classified as a case study qualitatively, therefore, it was semi-structured analyzed with two adult women, who have already suffered psychological violence in a relationship and have accepted to participate of this research. For the presented research, an analysis was performed, based on the category Sense - Meaning of Vigotski, which consists of a method that goes beyond the instrumental function, aiming to understand the subject / object relationship with the subject's own constitution. The results were organized into two nucleus and three sub-nucleus of senses, which are: a) Perceptions and affects experienced in the abuse experience, this nucleus has 3 sub-nucleus, "*The penny dropped*": general aspects of the perception of the abuse; "*I always lowered my head*": About the feeling of helplessness in the face of abuse; "*I molded myself a lot to fit what he would like*": About the feelings of loss about aspects of "myself"; b) The abuse cycle. It is concluded that the study reaches its objectives and it goes through a socio-historical process to understand abusive relationships experienced by women in Brazil, consequently, perceptions were identified, where both participants had difficulties to identify the abuse in their relationships, because the abuse was camouflaged by jealousy, concern, care and love. Regarding the experienced feelings, both of them reported feelings of helplessness towards abuse and loss of aspects of "myself".

Keywords: Abusive relationship. Psychological violence. Violence against women. Socio-Historical Psychology.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO	7
1.1 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.2.1. OBJETIVO GERA	9
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 PSICOLOGIA SÓCIO – HISTORICA	10
2.2 O CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	12
2.3 RELAÇÕES ABUSIVAS, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS MARCOS LEGAS.....	17
2.4 RELACIONAMENTO ABUSIVO	21
3. MÉTODO.....	23
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	23
3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO.....	23
3.3 PARTICIPANTES	23
3.4 INSTRUMENTOS	24
3.5 PLANO DE COLETA DE DADOS.....	24
3.6 PLANO DE ANÁLISE.....	25
4. ANÁLISE	26
4.1 HISTÓRIA DE VIDA DE L	26
4.2 HISTÓRIA DE VIDA DE F	27
4.3 PERCEPÇÕES E AFETOS VIVIDOS NA EXPERIÊNCIA DO ABUSO	27
4.4 CICLO DO ABUSO	37
5. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	42

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	45
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
APÊNDICE A – ENTREVISTA.....	50

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, mais especificamente a violência psicológica dentro de um relacionamento abusivo, vem sendo cada vez mais discutida nos últimos anos, por conta do grande crescimento de debates feministas sobre o assunto, além da criação da Lei Maria da Penha, em 2006.

Para Minayo (2010) as violências de forma geral representam: “(...) um risco maior para a realização do processo vital humano (...)”. A autora menciona que a terminologia no senso comum ainda está muito relacionada à agressão ou coerção física; a violência de natureza psicológica é menos documentada nas pesquisas que envolvem a área da saúde, o que é curioso, já que dela resultam impactos na saúde mental.

Segundo Paiva & Figueiredo (2003) o relacionamento abusivo é caracterizado pela recorrência significativa de atos de violência. Não é um tema “novo”, e remete a muitos anos de uma história de opressões de gênero e de sexualidade, em especial às mulheres. O abuso no relacionamento íntimo tem efeitos nocivos na qualidade de vida, na saúde mental e física da vítima. É cada vez mais frequente o comportamento abusivo dentro dos relacionamentos íntimos.

Segundo Barreto (2018), quando falamos das relações abusivas não podemos negar que elas comportam violências principalmente de natureza física, sexual e psicológica. O abuso mantém a relação de poder do abusador sobre o abusado, que é tido como o seu objeto. Para Arendt (1985) a violência surge como última alternativa possível para manter o poder sobre o outro. Nas relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso. O poder é então uma via pela qual a força física ou simbólica será aplicada, no intuito de atingir determinado objetivo.

Ao refletir sobre relacionamentos abusivos, pode-se questionar sobre o que impede uma pessoa a não sair de vez dessa situação. O ponto principal está justamente na dificuldade do sujeito de perceber que está de fato em uma relação abusiva, pois os sinais iniciais dessa relação são comportamentos e ações muito sutis, que vão aparecendo aos poucos no relacionamento e demandam tempo até irem se agravando. Os danos físicos junto com os danos psicológicos resultam na perda de identidade, perda de autoestima, aniquilamento, depressão, medo, estresse, crises de angústia, insônia, entre outros.

Neste projeto, o tema será analisado a partir da psicologia sócio histórica, que tem como base a teoria de Vygotsky, no qual o homem é visto como um ser inteiramente social e ligado às condições sociais. O homem não é só produto da evolução biológica, como também um produto histórico, mutável, que pertence a uma determinada sociedade e a uma determinada etapa de sua evolução. Portanto, não se está simplesmente afirmando, no caso, que o homem se encontra ligado ao mundo e à sociedade ou que é influenciado por ela, mas sim que se constitui sob determinadas condições sociais, resultado da atividade de gerações anteriores.

Para Bock (2001), falar de fenômeno psicológico, na psicologia sócio histórica, é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a construção psicológica do homem.

Logo, o objetivo desse trabalho é propiciar um conhecimento científico do tema, além de uma dialética social subjetiva partir da análise do estudo de caso de 2 mulheres que já passaram por relacionamentos abusivos, com ênfase em violência psicológica e dessa forma, compreender o motivo pelo qual as mulheres apresentam tanta dificuldade para saírem de um relacionamento abusivo e qual os motivos que as levam para permanecer nesses tipos de relacionamentos. A violência psicológica é a forma mais subjetiva de violência e, por isso, difícil de ser identificada.

1.1 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A pesquisadora do estudo é uma mulher jovem que tem interesse em estudar o relacionamento abusivo com ênfase na violência psicológica, pelo fato de já ter passado por um relacionamento assim. No começo de seu relacionamento os sinais eram muito sutis, um ciúmes, pequenas brigas, aos poucos, gradativamente, o parceiro foi proibindo de sair, de falar e ter certas amizades, pois isso, a pesquisadora teve tanta dificuldade de se conscientizar do processo de violência psicológica que estava sofrendo.

Culturalmente, existe uma cultura enraizada na população de uma hierarquia, no qual o homem, a figura masculina tem mais poder, mais voz, é uma figura mais ativa dentro de um relacionamento e precisa cuidar da mulher, protegendo-a, já a mulher, é a figura mais passiva,

mais submissa e frágil dentro de um relacionamento, chama-se assim a cultura do machismo, e essa ideia de que o homem precisa cuidar da figura feminina, por ela ser mais frágil, pode tornar mais difícil a percepção da mulher de estar passando por um relacionamento abusivo, visto que os primeiros sinais vêm camuflados de ciúmes, preocupação da mulher sair sozinha, sair com determinadas roupas, ir para certos lugares, além disso, é importante conscientizar as mulheres sobre esse tipo de relacionamento, visto que é cada vez mais frequente a violência psicológica nas relações íntimas e afetivas. Por conseguinte, o estudo buscará compreender em uma perspectiva crítica da dialética social – subjetivo e espera-se compreender as percepções, sentimentos e sentido que essas mulheres têm sobre esses relacionamentos que vivenciaram.

Existem muitos estudos nas principais plataformas de artigos científicos sobre esse tema, e um aumento significativo de estudos depois de ser imposta a lei Maria da Penha, que foi entrada em vigor em 2006, no Brasil. A partir disso, houve uma maior preocupação na vida e na saúde, tanto física quanto mental, das mulheres, e a partir disso, passaram a existir mais estudos e pesquisas sobre o tema.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os sentidos atribuídos por mulheres adultas que experienciaram um relacionamento abusivo.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o processo sócio histórico das relações abusivas experienciadas por mulheres no Brasil.
- Compreender os afetos e as percepções das mulheres que vivenciaram o relacionamento abusivo.
- Discutir facilidades e dificuldades no enfrentamento dessa situação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PSICOLOGIA SÓCIO – HISTÓRICA

Para Bock (2001), a psicologia Sócio - Histórica, toma como base a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski que afirma que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais em que o indivíduo mantém no decorrer de sua vida, além disso, essa teoria foi fundamentada no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias como representações da realidade material; a realidade material como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história como movimento contraditório constante do fazer humano.

Leotiev (1978), também fundador da Psicologia Sócio – Histórica, supera as ideias e o desenvolvimento das leis biológicas e naturalistas e postula os fundamentos das leis sócio - históricas, no qual, diz que o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais e que a hominização provem do trabalho e da vida em sociedade, que são duas características da vida humana que vão permitir um salto de qualidade no desenvolvimento humano. Além disso, é pela atividade que o homem se adapta a natureza e cria condições de sobrevivência.

O pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. Ou seja, cada geração começa a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes, ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito, mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua, o mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber, está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes, seria preciso não uma vida, mas mil. (LEONTIEV, 1978).

Portanto, as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes. Razão pelo qual todos

os homens atuais, qualquer que seja a sua pertença étnica, possuem as disposições elaboradas no período de formação do homem e que permitem, quando reunidas às condições requeridas, a realização deste processo desconhecido no mundo dos animais. Pode-se dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem, o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade, é preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. O indivíduo é colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas ao longo dos séculos por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres, no nosso planeta, que são criadores. As gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas. (LEONTIEV, 1978).

Ademais, Bock (2001) acrescenta que a Psicologia Sócio - Histórica carrega consigo a possibilidade crítica, não apenas por uma intencionalidade de quem a produz, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos. A psicologia Sócio - histórica possui determinados princípios que caracterizam sua postura crítica, como por exemplo, o abandono da visão abstrata do fenômeno psicológico e a crítica a ela; ela também permite romper com uma tradição classificatória e estigmatizadora da ciência e da profissão; e por fim, supera a postura positivista e idealista que tem caracterizado a Psicologia como ciência, tomando como método o materialismo histórico e dialético.

A Psicologia Sócio - Histórica acredita que o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo, ou seja, não pertence a natureza humana, não é preexistente ao homem, reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens. Portanto, para a Sócio - Histórica, falar de fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade, falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói ou modifica o mundo, e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. (BOCK, 2001).

Segundo Aguiar e Ozella (2013), um homem constituído numa relação dialética com o social e com a história, torna-se ao mesmo tempo único, singular e histórico. Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela, em todas as suas expressões, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos.

Desse modo, Aguiar e Ozella (2013) buscaram pesquisar e criar um método no qual vai além da função instrumental, e buscavam algo que penetrasse no real, objetivando não só compreender a relação sujeito/objeto, mas a própria constituição do sujeito, produzindo um conhecimento que se aproxime do concreto. Desse modo, a reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos estará pautada em uma visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas com a clareza de que é necessário irmos para além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico.

2.2 O CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Este capítulo busca fazer um percurso histórico sobre a relação de gênero no Brasil. Para tanto, primeiramente, faz-se necessário compreender o lugar da mulher na organização da vida em sociedade. Para isso, será discutido o contexto sócio – histórico, desde a antiguidade, de uma maneira geral, para assim entrar no contexto de gêneros no Brasil, desde a época da colonização até os dias atuais, e dessa forma, compreender a raiz desse pensamento, do por quê a sociedade naturaliza o comportamento da mulher submissa a figura masculina.

Quando se procura entender o papel da mulher na sociedade, há de se voltar o olhar para os primórdios da existência de nossa sociedade, dando ênfase à formação do sujeito, seus grupos e classes sociais. Ademais, será apresentado conceitos que se fazem necessário compreender para um entendimento melhor do artigo, como por exemplo, conceitos de gênero, machismo e feminismo.

Da antiguidade à idade média, os casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher e, a união não consagrava o amor e sim um contrato entre o pai da noiva e a família do pretendente. Com o objetivo de aumentar as riquezas da família, ocorriam as formações de alianças não só através da troca de bens, como também de mulheres. (SILVA et al., 2005)

Para Nascimento (1976), a sociedade feudal foi patriarcal e, para muitos autores, está falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada, e ainda assim, estaríamos falando de uma circulação somente permitida dentro dos limites da casa paterna, da casa marital ou do convento.

Segundo Guedes e Assunção (2006), no século XII, no sul da França, a mulher saiu do papel de figura social secundária para dentro da rede social, pelo menos na aristocracia. É aqui, neste contexto, que surge a poesia trovadoresca (abrangendo Cantigas de Amigo, Cantigas de Amor e Cantigas de Escárnio e Maldizer), legitimando este novo papel social da mulher, exaltando-se “a beleza, as virtudes e a dignidade espiritual” destas. Ainda assim, no Feudalismo, o fenômeno das relações amorosas era perpassado pelas relações de poder entre as famílias. Essas trocas de forças influenciavam na nova concepção de amor.

Ademais, para Guedes e Assunção (2006), o amor cortês foi uma contra estratégia aos costumes feudais e contra a igreja que apoiavam as uniões matrimoniais negociadas, sem que se cogitasse a concordância dos noivos. Tal reação (o amor cortês) recai sobre a oposição à ideia de que essa união não deveria se pautar somente no amor negociado. Pelo contrário, valorizou-se o sentimento individualizado, deixando de lado uma ideia de amor anterior de união comercializada.

Segundo Siqueira e Samparo (2017), foi a partir da Idade Moderna (XV e XVIII), com o Renascimento, que as mulheres começaram a exigir sua liberdade e autonomia, na tentativa de ganhar seu espaço no meio social. Nessa época houve um início de paridade quanto às funções laborais tidas como masculinas e femininas, visto que algumas mulheres começaram a laborar como escritãs, médicas e professoras, entretanto, por mais que trabalhassem de igual forma em relação aos homens, o valor de seu salário era inferior.

Para Silva et al. (2005), por volta do século XVIII, o amor romântico é o amor idealizado e se torna o ideal de casamento, o erotismo expulsa a reserva tradicional e coloca à prova a duração do casamento. Para Costa (1998) diz que esse imaginário amoroso rompia os laços com o amor cortês, exclusivamente voltado para a perpetuação do equilíbrio político das casas e linhagens nobres para conservar o prestígio dos senhores aristocráticos, e contribuiu para a difusão da crença no amor como “virtude privada”, sem compromisso e ideais públicos.

Para Cavalcante e Silva (2011), é pertinente enfatizar que a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no século XVIII, foi o grande precursor do capitalismo, ou seja, a passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial. É certo que o capitalismo comercial é iniciado antes do industrial, porém a fase do capitalismo industrial inaugura um novo tipo de comércio, as empresas começam a investir pesado em suas indústrias, a produção é em grande escala, surgem os bancos que emprestam dinheiro as empresas, enfim tudo é direcionado para o lucro. As pessoas não eram respeitadas como seres humanos, não

havia limites no trabalho, crianças e mulheres eram torturadas e forçadas a trabalharem horas seguidas, sem condições de higiene e alimentação.

Para Medeiros e Rocha (2004), na revolução industrial, considerando ainda que a força de trabalho em saúde vem passando por um processo de feminilização, isto é, o aumento da participação das mulheres em sua composição, trazendo consigo as determinações histórico-sociais e econômicas desse fenômeno, como a dupla jornada de trabalho, a desigualdade salarial, entre outros, vale ressaltar que essa característica potencializa o quadro já referido de vulnerabilidade dessa força de trabalho.

Nos séculos XVIII e XIX, ocorreram Revoluções Industriais, que geraram grandes impactos no setor trabalhista. Em tal época houve uma grande exploração da mão de obra, com a feminina sendo utilizada em grande escala, especialmente por ser considerada mão de obra barata. Ressalta-se que inexistiam quaisquer normas de proteção ou que especificassem a jornada de trabalho. (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017)

Segundo Chagas, Cardoso e Barroso (2005), a mulher operária é aquela que desempenha trabalho manual repetitivo em fábrica ou indústria, e dela, muito pouco se sabe. Ficam sempre dúvidas sobre quantas horas essa mulher trabalha, quantas repousam, quanto recebe pelo seu trabalho, como se sente, como concilia com trabalho doméstico. No cotidiano da mulher operária, a família nem sempre consegue sobreviver apenas com a venda da força de trabalho do homem, sendo necessário a mulher, e muitas vezes até os filhos, ingressarem no mercado de trabalho para complementar a renda familiar.

Segundo Silva et al. (2005), desde a colonização do Brasil - 1532, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. Elas foram admiradas e foram reduzidas a objetos de domínio e submissão dos homens, tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada. Com isso, a constituição da subjetividade das mulheres brasileiras está atrelada às ideias passadas por gerações. O desregramento, pecado e danação originados da fragilidade moral do sexo feminino tiveram enorme utilidade ao “poder” social masculino, e ao “bem-estar” feminino.

De acordo com Garcia (2011), além disso, durante o período colonial, as mulheres brasileiras viveram em condições adversas, vítimas dos estereótipos de gênero. As mulheres negras (com exceção das alforriadas) eram escravas e, portanto, não tinham de nenhum direito. E as demais, mesmo gozando de liberdade e de direitos abstratos, viviam em isolamento relativo, ou seja, tinham severas restrições quanto ao acesso à escola e ao trabalho extra doméstico, pois além de a oferta de vagas ser pequena, a cultura sexista e patriarcal

designava aos homens o papel de provedores, cabendo-lhes as melhores oportunidades educacionais e de trabalho remunerado.

Para Silva (2005), no século XIX, a sociedade burguesa inicia a discussão sobre os gêneros. O sexo definiu as diferenças entre macho e fêmea, já o conceito de gênero refere-se à construção cultural das características masculinas e femininas, fazendo-nos homens e mulheres. Um papel feminino estabelecido culturalmente, até a atualidade, é o da mulher como esposa. O aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho fabricados e manejados por homens, deu ao marido um motivo de acúmulo de bens.

Segundo Garcia (2011), além de conhecer a história geral do país, é preciso compreender como as mulheres romperam com a tradição cultural que lhes impôs, durante a maior parte da história brasileira, uma divisão sexual do trabalho que, de modo geral, lhes reservava as atividades domésticas e aos homens as atividades extra domésticas.

Para Kergoat (2009), a divisão sexual do trabalho é o trabalho social decorrente das relações sociais de sexo, essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado. Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da separação e o da hierarquização.

Segundo Probst (2003), a inserção da mulher no mercado de trabalho começou de fato com a I Guerra Mundial (1914 – 1918) e a II Guerras Mundiais (1939 – 1945), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho, mas a guerra acabou, e com ela a vida de muitos homens que lutaram pelo país. Alguns dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho. Foi nesse momento que as mulheres se sentiram na obrigação de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos.

Para Querino, Domingues e Luz (2013), desde o século XX, observamos o aumento significativo da participação da mulher no mercado de trabalho, isso se deu devido ao grande crescimento da indústria, propiciando cenário para inserção feminina. Na época de sua inserção houve uma avalanche de preconceito que perdura até os dias de hoje e podemos observar através de pesquisas que comprovam que as mulheres ainda ganham menos que os homens, executando as mesmas tarefas.

Segundo Simões e Hashimoto (2012), no século XX, um conjunto de acontecimentos especialmente relacionados ao processo de urbanização e desenvolvimento das cidades e à

entrada das mulheres no mercado de trabalho levou a mudanças econômicas da sociedade que contribuíram não só para o início do processo de autonomia e independência financeira da mulher diante do homem como também acenam para mudanças nos usos, costumes, valores e projetos de família.

A mulher pode ocupar cargos diferenciados e que envolvam maior prestígio, mas isto irá depender de alguns fatores, como a idade, classe, raça, preferência sexual e, principalmente, o status geopolítico. Nota-se, então, que as diferenças nas experiências femininas no âmbito do trabalho são profundamente marcadas pelos traços históricos do colonialismo e imperialismo, onde a diferença no nível de renda segundo a classe social determinava o curso provável do caso: subordinação ou não (BRITO, 2000).

Segundo Siqueira e Samparo (2017), a desigualdade é compreendida como a ausência de proporção e equilíbrio, sinônimo de irregularidade, desproporção e até mesmo inferioridade. É penoso saber que em pleno século 21 e após várias e incansáveis lutas pela sua inserção no mercado de trabalho, as mulheres ainda sofrem com o preconceito. Conseqüentemente, a partir desta diferenciação, ao longo da história, a mulher passou a ser vista em uma condição de inferioridade ao homem, devendo obediência a este por conta de seu sexo biológico. Apesar do grande desenvolvimento, no sentido da promoção da inserção da mulher na sociedade, e, por conseguinte, da incorporação desta no mercado de trabalho, advindas das lutas dos movimentos feministas, a desigualdade salarial, a discriminação e a não proteção do labor da mulher ainda se fazem presentes.

Ao falarmos de sexo e gênero, é fundamental definirmos corretamente esses conceitos, já que são confundidos com frequência. Para Siqueira e Samparo (2017), sexo estaria atrelado a atributos biológicos e gênero à identidade de cada ser humano, logo, gênero é compreendido como uma categorização pessoal e social dos indivíduos, com base na construção de sua identidade, portanto independe do sexo biológico.

Percebe-se uma estrutura social marcada por relações hierárquicas e de poder, favorecendo a lógica machista que implica em um sistema de representações e dominações que utilizam o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em sexo dominante e dominado, que são confirmados mutuamente em uma situação de objetivos. Dessa forma, o machismo representa esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade. (DRUMONT, 1980).

2.3 RELAÇÕES ABUSIVAS, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS MARCOS LEGAIS

Segundo Siqueira e Samparo (2017), o movimento feminista, historicamente, teve início na Europa, principalmente na França e na Inglaterra. A raiz de todas as correntes feministas advém da Revolução Francesa, compartilhando dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, em suma, a máxima da justiça.

Segundo Pinto (2010) nas últimas décadas do século XIX, ocorreu a chamada primeira onda do feminismo, que foi quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. Promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome e em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

Ademais, Pinto (2010) acrescenta que no Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. Vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. Em manifesto de 1917, proclamam: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003, p. 35).

Para Garcia (2011), o movimento feminista brasileiro, mesmo sendo pequeno em termos de visibilidade social, contribuiu de maneira fundamental para a reversão das desigualdades de gênero no país e, apesar de a conexão não ser tão estreita, existe uma relação entre a história das lutas das mulheres e os processos de mudanças econômicas e sociais que ocorreram no Brasil. As conquistas foram parciais e progressivas. Pequenas vitórias foram se avolumando no tempo, mas as dificuldades não impediram seu desenvolvimento, mesmo que não linear.

Para Pinto (2010), este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960. No decorrer destes trinta anos um livro marcará as mulheres e será fundamental para a nova onda do feminismo: “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

Segundo Siqueira e Samparo (2017), a segunda onda do feminismo aparece nos Estados Unidos, em meados de 1960, cuja discussão dominante era quanto à motivação e causa das injustiças por causa do gênero e a busca de soluções para tais inquietações. Nessa época surge, além das vertentes já mencionadas, o feminismo igualitário, o qual entendia que a desigualdade de gênero era advinda do sexismo, e o feminismo radical, que apontava o patriarcado como a origem de toda opressão feminina.

Por sua vez, a terceira onda feminista, conhecida também como pós-feminista, propõe novas discussões acerca dos direitos humanos e igualdade, incluindo em seus debates questões que envolvem a raça, etnias, religião, classe e sexualidade, abrangendo assim a luta das mais diversas pessoas. (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017)

Segundo Kergoat (2009), no começo dos anos 70 que houve na França, um impulso do movimento feminista, uma onda de trabalhos que geraria rapidamente as bases teóricas desse conceito. Esse movimento foi a partir da tomada de consciência de uma opressão específica: tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres.

O Feminismo pode ser definido como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos” (Oliveira, 1969, p.424). A mudança necessária à plena igualdade foi sempre o objetivo central das várias teorias e movimentos feministas ao longo do tempo, apesar do próprio conceito de feminismo ter sido sempre muito controverso dando origem a diferentes posturas, que ainda coexistem e que inclusive, por não serem bem difundidas, confundem a população acerca do objetivo central. (NOGUEIRA, 2001).

Por meio de lutas e movimentos sociais, as mulheres buscaram a garantia de direitos políticos inicialmente e posteriormente e conseqüentemente, os direitos sociais. Segundo Calazans e Cortes (2011), o processo para a criação de uma lei especial de combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil foi muito longo e antecipado de muitas manifestações e debates. Na década de XVII quando grupos de mulheres foram às ruas com o slogan “Quem ama não mata”, levantou-se de forma enérgica a bandeira contra a violência, sendo este tema incluído na pauta feminista como uma de suas principais reivindicações. Grupos foram formados, manifestações foram feitas e a luta para ver punidos os assassinos foram iniciadas.

Segundo Brabo (2007), no Brasil, na década de 1970, além da luta pela redemocratização, o feminismo também aprofundava o debate sobre a igualdade e a diferença.

Entretanto, apesar das especificidades do “ser mulher”, as diferentes mulheres estiveram unidas e tiveram uma participação ativa contribuindo para a redemocratização do país, processo esse iniciado na década de 1970, quando em pleno regime militar saíram às ruas na campanha pela anistia, contra a violência, contra a carestia, e, posteriormente, em 1980, pelas eleições diretas, culminando com a eleição de algumas mulheres para a Assembleia Legislativa. O número de eleitas não foi expressivo, 5%, mas, o efeito pedagógico do processo foi positivo.

Segundo Santos (2010), no âmbito estadual, merece destaque o caso de São Paulo por ter sido o Estado pioneiro na criação da Delegacia da mulher. Respondendo a demandas do movimento de mulheres, o governador eleito em São Paulo, Franco Montoro (MDB, 1982-1985), criou, em 1983, o primeiro Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF) do país. A sua Comissão de Violência concebia a violência (doméstica e conjugal) como um problema social e estrutural, resultante da dominação masculina expressa pelo abuso físico, psicológico e/ou sexual. O CECF propunha uma política de combate à violência centrada na criação de “serviços integrados” – assistência social e psicológica; orientação jurídica; atendimento policial capacitado; casa abrigo; educação, entre outros (Santos, 2005).

De acordo com Segundo Calazans e Cortes (2011), inicia-se, na década de oitenta, as primeiras ações governamentais no sentido de incluir em sua agenda a temática da violência contra as mulheres e, em 1985, é criada a primeira delegacia especializada de atendimento às mulheres, fruto da luta do movimento de mulheres.

Nos anos noventa, as feministas se mobilizavam de forma mais contundente. Organizaram seminários e reuniões em que a questão da violência era o foco principal. No Congresso Nacional existiam alguns projetos de Lei de iniciativa de parlamentares, de um modo geral voltados para aplicação de medidas punitivas e/ou ações pontuais, mesmo com estes avanços legislativos, as incorporações efetivadas não tinham força necessária para amenizar a vida de mulheres ameaçadas ou violadas. Era como se estes crimes, praticados no reduto do lar, fossem para ser guardados a quatro chaves, sem interferências do Estado ou da sociedade. Atos de violência eram muitas vezes encarados como naturais. A questão cultural ou mesmo a necessidade de ter um provedor para si e sua família também podem ser consideradas como uma das causas de a mulher permanecer na violência. (CALAZANS; CORTES, 2011)

Para Souza (2010), a violência de um modo geral encontra-se enraizada na sociedade desde os seus primórdios, em todos os aspectos:

[..] O termo “violência” carrega consigo uma amplidão de compreensões e, portanto, de complexidades, estando relacionado a contextos sociais e a períodos históricos distintos, ou seja, diferencia-se no tempo e no espaço a partir do contexto sociocultural em que se manifesta. Assim, o que é considerado violência para uma sociedade nem sempre o será para outra, entende-se, então, que a violência é condicionada de acordo com regras de um determinado lugar ou tempo, mas nem por isso, os atos não se caracterizam como agressões. (SOUZA; CASSAB, 2010, p. 38)

Para Calazans e Cortes (2011), não havia proteção específica para as mulheres vítimas de violência doméstica e familiar na legislação brasileira e as conquistas legislativas da década de noventa e início dos anos 2000 eram tímidas e praticamente restritas à alteração da legislação penal.

Segundo Bastos (2006) apenas em 2006, entrou em vigor, desde o dia 22 de setembro de 2006, a Lei nº 11.340/06, conhecida como “Lei Maria da Penha” em homenagem a uma mulher vítima de violência doméstica, veio com a missão de proporcionar instrumentos adequados para enfrentar um problema que aflige uma grande parte das mulheres no Brasil e no mundo, que é a violência de gênero.

Segundo Calazans e Cortes (2011), a Lei Maria da Penha reafirmou os serviços existentes e previu a criação de novos, perfazendo o total de onze serviços: I) casas abrigo; II) delegacias especializadas; III) núcleos de defensoria pública especializados; IV) serviços de saúde especializados; V) centros especializados de perícias médico-legais; VI) centros de referência para atendimento psicossocial e jurídico; VII) Juizados de violência doméstica e familiar contra as mulheres; VIII) equipe de atendimento multidisciplinar para auxiliar o trabalho dos Juizados; IX) núcleos especializados de promotoria; X) sistema nacional de coletas de dados sobre violência doméstica; e XI) centros de educação e de reabilitação para os agressores. Todos esses serviços conformam a rede integral de atendimento às mulheres vítimas de violência e são de competência dos Poderes Públicos.

De acordo com Calazans e Cortes (2011), os movimentos de mulheres e feministas, desde o início do ano de 2006, envidaram esforços para que o projeto de Lei fosse votado, aprovado e sancionado antes do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Entretanto, somente no dia 7 de agosto daquele ano, o Presidente sancionou a lei, em meio a um cenário favorável, pois o Estado brasileiro havia ratificado a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher.

Em 2007 foi criado o Observatório de Monitoramento da Lei Maria da Penha – O Observe (formado por um consórcio que congrega 12 organizações) – que vem desenvolvendo um conjunto de ações que visam a acompanhar a implementação e aplicação

da Lei Maria da Penha e identificar avanços e dificuldades para a sua efetiva e plena aplicabilidade, produzindo e divulgando informações que subsidiem políticas públicas e ações políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres (CALAZANS; CORTES, 2011).

2.4 RELACIONAMENTO ABUSIVO

Atualmente, muitas pessoas não sabem o que significa a expressão violência psicológica, pois, desde muito tempo atrás vem sendo criada uma ideologia romântica sobre esses comportamentos e ações, comportamentos que em muitas famílias são considerados “normais”, onde o homem ofende a mulher verbalmente, tratando-a como posse e propriedade dele.

Segundo Oliveira e Bergamini (2018), o abuso contra a mulher nas relações íntimas caracteriza-se por relações que haja vínculo íntimo afetivo entre a vítima e o agressor permeados por atos de violência psicológica, física e sexual, tendo como intenção manter controle sobre a vítima sendo um problema de saúde pública e social. As relações abusivas têm como objetivo subordinar a vítima, sendo relações marcadas por zelo excessivo e geralmente por uma vítima suscetível a se manter submetida ao agressor.

As relações abusivas contra parceiros íntimos ocorrem entre cônjuges, amásios, namorados, amantes, ex-namorados, ex-cônjuges, sendo mais frequentes em mulheres do que em homens, assim as mesmas são mantidas de maneira submissa a relação, podendo verificar contra homens, mas com menor periodicidade. De acordo com o autor, compreende-se como violência contra a mulher, aqueles que mantêm ou mantiveram convívio afetivo sexual. (OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018)

Segundo Ballone (2008), o comportamento abusivo é frequente no relacionamento íntimo através de violência física, sexual e psicológica ou emocional. Para ele o abuso psicológico pode ser tão ou mais prejudicial que o abuso físico e acontece em ambos os sexos. Esse abuso se caracteriza por rejeição, humilhação, depreciação, discriminação, desrespeito entre outros.

De acordo com as autoras Oliveira e Bergamini (2018), como agressão física definem-se práticas que façam uso de força física, tendo como intuito espancar a vítima ou arruinar seus pertences, já a agressão sexual consiste em forçar práticas sexuais contra a vontade da vítima, ou usar sua sexualidade, funcionamento para lhe causar injúrias. Atos de violência

psicológica são comuns embora não seja menos relevante, manifestando-se através de humilhações, intimidações, subordinação forçada, ofensas, omissão prejudicial e isolamento social.

A agressão psicológica a vítima pode ser manifesta de inúmeras formas, o que pode não ser percebido ou identificado como violência, suas manifestações inclui, zombar, desaprovar constantemente sem motivos, apelidar de forma ofensiva, atribuir culpa desnecessária, intimidar contra si ou familiares da vítima, vozear, imposições, expressar suas relações com outras mulheres, conceber ambiente danoso à vítima, dentre outras práticas. (OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018)

Para Ondda (2016), o abuso emocional acontece de forma gradual e sem a vítima perceber. Os abusos aumentam com o tempo, deixando a vítima cada vez mais dependente da relação e muitas vezes isolada de amigos e familiares. Essas agressões a ferem moralmente e trazem consequências para a vida toda.

Esse tipo de relacionamento pode causar sintomas psicológicos de ansiedade, depressão, síndrome de estresse pós-traumático, fobias, desânimo, irritabilidade, síndrome do pânico, sensação de perigo eminente, ideação suicida, baixa autoestima, culpa, inferioridade, insegurança, abuso de substâncias como cigarro e álcool, entre outros (DAY et al, 2003).

A violência psicológica é caracterizada pela Lei em vigor como “[...] qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima, ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento [...]” (BRASIL, 2006, p. 3). O fato da violência psicológica, finalmente, ser reconhecida através de uma Lei, constitui-se um importante avanço no combate a todos os outros tipos de violência. Mas, de outro lado, a violência psicológica ainda está longe de ser considerada pelos serviços públicos de saúde e instituições policiais como uma problemática social grave. (SOUZA; CASSAB, 2010, p. 38).

A mulher que vivencia relacionamento abusivo não consegue facilmente identificar a situação de abuso, tendo em vista sua complexidade, pois o agressor comumente modifica as situações para incriminar a vítima, buscando confirmar a ela sua insuficiência, reduzindo-a em sua condição, nesse contexto a mesma passa ter baixa autoestima, podendo ocasionar complicações relacionadas à autoconfiança e autodeterminação, podendo desencadear posteriormente danos a sua saúde mental. A não constatação dos abusos sofridos pela vítima é dificultosa, devido à vinculação nociva entre o agressor e a mesma, tendo em vista que as ações sobre a vítima são engendradas de acordo com suas fragilidades, a qual se torna imperceptível à mesma a identificação do abuso. (OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018)

3. MÉTODO

3.1 TIPO DE ESTUDO: QUALITATIVO

Este projeto tem como característica um estudo social, portanto, tem uma natureza qualitativa para compreender os fenômenos. Para Neves (1996), a pesquisa qualitativa esse método de pesquisa não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Nessas pesquisas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir disso, situe sua interpretação dos acontecimentos estudados.

A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (PAULILO, 1999). O caráter exploratório dessa pesquisa caracteriza-se por trabalhar com um “universo de significações, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores”, visto que corresponde a um espaço mais profundo das relações, sem reduzir processos e fenômenos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2010).

Epistemologicamente sustenta-se o olhar histórico e contextualizado do fenômeno psicológico e utiliza-se a dialética social-subjetivo como categoria de análise. Legitima-se a construção do conhecimento expressa na gênese social do particular.

3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO

Região do Vale do Paraíba – SP

3.3 PARTICIPANTES

Entrevistou-se duas mulheres que aceitaram participar do estudo e que já tinham passado por um relacionamento abusivo, com violência psicológica e que apresentaram alguns critérios do pesquisador, como: serem mulheres heterossexuais, que tenham idade de

no mínimo 21 anos, ter vivenciado relações abusivas em um relacionamento com duração de no mínimo um ano e ter finalizado a relação recentemente (período de no máximo 5 anos).

Optou-se por duas participantes por considerar o estudo de dois casos enriquecedor e viável dentro do tempo determinado, bem como garante duas narrativas possibilitando o vasto conteúdo. Foram estudadas e aprofundadas duas experiências, ou seja, a construção particular de duas pessoas inseridas na cultura do Vale do Paraíba. O foco foi na qualidade e construção do discurso e dos sentidos.

3.4 INSTRUMENTOS

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, pois trata-se de um instrumento rico que permite acesso aos processos psíquicos, principalmente direcionados aos sentidos e significados pertinente à abordagem Sócio histórica (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Seguindo esse entendimento, Aguiar e Ozella (2013) aponta para o potencial da entrevista para a captação e apreensão dos sentidos e significados, ainda complementam sobre a importância de se considerar a observação junto ao processo de entrevista, como meio de captar indicadores não verbais ampliando o alcance do objetivo proposto.

3.5 PLANO DE COLETA DE DADOS

Primeiramente, o estudo foi submetido ao comitê de ética e pesquisa, e foi aprovado, com o CAAE: 31243220.5.0000.5501 (Anexo A), e somente após a aprovação do projeto que se iniciou a coleta de dados proposta pelo estudo.

A pesquisadora deste estudo é uma mulher jovem, de 23 anos, e que utilizou da rede social para contatar duas mulheres da região do Vale do Paraíba que aceitem participar deste estudo. Para tanto, pedirá indicações de colegas.

Ademais, a pesquisadora garantiu que as participantes não eram de seu convívio social e pessoal. Dito isso, a pesquisadora entrou em contato para explicar os objetivos e fazer o convite as possíveis participantes. Em seguida, agendou o dia da entrevista com a voluntária na plataforma online sugerida pela participante. Na data da entrevista foi firmado o TCLE (Anexo B) e explicado todos os itens que compõe o documento, uma via deste documento ficou com a participando do estudo e o outro com a pesquisadora. A entrevista foi gravada em

áudio para uma melhor precisão dos detalhes e depois foi transcrita. Vale ressaltar que foi garantido todas as condições éticas e de sigilo para a coleta dos dados.

Inicialmente, a proposta do estudo era realizar entrevistas pessoalmente, entretanto, por conta da pandemia que está ocorrendo no mundo e considerando a Portaria do Ministério da Saúde nº 188, que Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional – ESPIN. E o Decreto Estadual nº 64.881, de 22 de março de 2020, que institui quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia da COVID-19 (Novo Coronavírus) o plano de coleta de dados sofreu uma adaptação diante desse cenário.

Diante dessa circunstância, as entrevistas ocorreram online, a primeira entrevista foi realizada com a participante L. no dia 01/07/2020, com duração de aproximadamente 1 hora e meia, já com a segunda participante, a participante F., a entrevista ocorreu no dia 14/07/2020. Utilizou-se uma plataforma segura que seja sugerida por elas. Os TCLE foram assinados, escaneados e enviados eletronicamente para as participantes, que assinaram, escanearam e encaminharam de volta para a pesquisadora. Vale ressaltar que todos os cuidados éticos foram garantidos. A entrevista online foi gravada em áudio para maior precisão dos dados e detalhes e depois foi transcrita.

3.6 PLANO DE ANÁLISE

Para a análise de dados foi utilizada a categoria sentido – significado de Vigotski. que segundo Aguiar e Ozella (2013) é preciso compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido.

Afirma-se, assim, que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz ante uma realidade social. O sentido refere-se ao particular, constitui o seu ser, suas formas de atividade/ação.

Após a realização das entrevistas com as duas participantes, as gravações foram transcritas e realizou-se uma leitura “flutuante”, que permitiu uma familiarização com o material e a identificação de “pré-indicadores” para a construção dos núcleos. Para a construção dos “pré-indicadores” foi necessário observar os conteúdos que apresentaram emoção, contradição e repetição e então, foi organizado em temas.

Por fim, ocorre o desenvolvimento dos núcleos de significação num processo construtivo, interpretativo e crítico, no qual o pesquisador possui como objetivo sintetizar os pontos centrais e essenciais do participante sobre suas determinações emocionais e históricas (AGUIAR; OZELLA, 2013).

4. ANÁLISE

A partir dos resultados encontrados nas entrevistas com as participantes, faz-se necessário realizar uma análise da subjetividade a partir das experiências nas relações afetivas, busca-se tecer zonas de compreensão dos sentidos atribuídos por mulheres que viveram um relacionamento abusivo. Para cumprir com o sigilo das participantes do estudo, elas serão chamadas de L. e F.

Para tanto, primeiramente será apresentado à história das participantes, para uma melhor compreensão sobre elas, ademais será discutido as percepções e afetos por elas vividos na experiência do abuso, em seguida, este núcleo será dividido em três subnúcleos: aspectos gerais; sentimento de impotência perante o abuso; e Sentimentos de perda de aspectos do eu, e por fim será apresentado o núcleo do ciclo do abuso.

4.1. HISTÓRIA DE VIDA DE L.

A participante L faz faculdade de medicina na região do ABC, em São Paulo, fez cinco anos de cursinho em duas cidades na região do Vale do Paraíba, em escolas particulares. Sua vida era bem corrida durante esses anos de cursinho, tinha uma rotina bem pesada, desde o ensino médio com o objetivo de passar no vestibular de medicina “E é praticamente isso, eu vivi cinco anos na minha vida só estudando, 24 horas por dia”. Durante esse período teve dois relacionamentos, o primeiro foi curto e o segundo foi o relacionamento que ela considera abusivo. L. sempre foi pró-feminista, sempre soube muito e era a favor das lutas, ficou muito engajada envolvida nesse assunto.

L. tem duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova, ambas com dois anos de diferença, seus pais são casados e apenas sua mãe tem conhecimento que esse relacionamento de L. foi um relacionamento abusivo, L. relatou que seu pai não tem conhecimento sobre o assunto e que não entenderia.

4.2 HISTÓRIA DE VIDA DE F.

A participante F, atualmente mora somente com sua filha em uma cidade do Vale do Paraíba, trabalha das 8h às 18h, em uma loja, e a noite faz laços de crianças para vender, diz ter uma vida bem corrida. Entretanto, na época em que sofreu o relacionamento abusivo (quatro anos atrás), ela morava com sua mãe e ainda não tinha tido sua filha.

E depois de sair desse relacionamento abusivo, ela foi muito ameaçada por ele e acabou entrando em outro relacionamento por conta da proteção e cuidado “Fui muito ameaçada e acabei entrando em outro relacionamento por conta dá proteção, do cuidado, do zelo e por que foi a única pessoa que me fez sentir protegida”. Nesse relacionamento, ela morou com ele e tiveram uma filha, entretanto, atualmente eles são separados e ela mora com sua filha de aluguel.

4.3 PERCEPÇÕES E AFETOS VIVIDOS NA EXPERIÊNCIA DO ABUSO

Este núcleo vai abordar e discutir conteúdos da constituição subjetiva das participantes que são referentes às suas percepções e afetos perante o abuso psicológico que sofreram dentro do relacionamento. A análise deste núcleo é de extrema importância, por isso, ele foi dividido em três subnúcleos: a) aspectos gerais; b) sentimentos de impotência perante o abuso e c) sentimentos de perdas de aspectos do eu.

Reitera-se que o trabalho de apreensão dos sentidos não significa chegar a uma resposta completa, mas compreender as diversas expressões, frequentemente fragmentadas e muitas vezes contraditórias, dos participantes do estudo. Comumente, o próprio sujeito não o apreende, pois não se apropria totalmente das vivências (AGUAR; OZELLA, 2013).

4.3.1 “CAIU A FICHA”: ASPECTOS GERAIS DA PERCEPÇÃO DO ABUSO

Sobre O sentido da experiência de um relacionamento abusivo, identifica-se uma dificuldade no processo de identificação do abuso, pois os primeiros sinais são mais sutis,

portanto algumas pessoas só identificam o abuso, quando já estão em um estágio mais avançado do relacionamento:

L.: Mas eu acho que o lance do celular foi quando caiu a ficha mesmo, percebi que ele estava querendo controlar até com quem eu conversava no whatsapp. Os outros sinais foram mais sutis, mas o do celular, não tinha como não perceber que aquilo lá era doentio e abusivo.

O conceito de relacionamento abusivo, atualmente, já está sendo discutido mais abertamente em decorrência dos movimentos feministas e da criação da delegacia da mulher. Além disso, foi discutido nesta pesquisa, que esses relacionamentos abusivos, vem decorrente de uma cultura e ideologia romântica criada há muito tempo atrás, passada de geração para geração e essas ações e comportamentos de machismo foram considerados “normais”. Sobretudo, atualmente as mulheres estão tendo mais consciência e opiniões sobre esse abuso psicológico nas relações e como ele ocorre. As participantes expressaram suas opiniões sobre o assunto:

L.: Eu nunca sofri um namoro que me falassem “nunca use a roupa tal”, mas existem outras formas de abuso que faz com que a relação se torne abusiva e que eu considero ter sofrido nesses dois anos e meio de relacionamento. Eu acredito que é sempre a questão da obsessão, a pessoa ser obsessiva, por exemplo, a pessoa não gosta de você, a pessoa tem obsessão por você, ela quer te controlar, ela tá tentando controlar tudo o que você faz e tem vários jeitos de se controlar, às vezes não é uma afirmação, às vezes a pessoa controla de maneira indireta, então a pessoa, às vezes, faz sempre você sair só com os amigos dele, aí quando você perceber, você não tem tempo para sair com seus amigos e coisas desse tipo. Outra coisa também que é uma coisa que aconteceu comigo, eu acho que é algo que acontece com as pessoas e elas não percebem que é abusivo, fuçar em rede social do namorado, fuçar no celular do outro.

O abuso emocional acontece de forma gradual e sem a vítima perceber. Os abusos aumentam com o tempo, deixando a vítima cada vez mais dependente da relação e muitas vezes isolada de amigos e familiares. Essas agressões a ferem moralmente e trazem consequências para a vida toda. (ONDDA, 2016). A participante F. também expôs seu ponto de vista sobre o assunto:

F.: Então, talvez se eu tivesse ouvido falar antes sobre isso, logo de cara eu já teria identificado, sabe? Mas vamos lá, é o cara que te coloca no pedestal, foi meio assim comigo, como eu via ele, um cara super protetor, mas que aos poucos ele começa a controlar o seu horário, sua rotina, sua vida, ele era o cara que queria me levar no serviço, me buscar no serviço, me buscava no almoço, como se fosse uma ajuda, entendeu? Sendo que na verdade ele estava me controlando. Um cara que queria mostrar para mim que estava me protegendo das minhas amigadas, sendo que na

verdade ele estava realmente me afastando de todo mundo, me cercando somente para ele.

Pôde-se observar com as entrevistas, que ambas as participantes não tinham um conhecimento prévio sobre o que era um relacionamento abusivo, com abuso psicológico, antes de passar por tais experiências, por isso, as duas participantes relatam ter tido dificuldade de identificar os primeiros sinais de que estavam em um relacionamento abusivo. Para explicar o porquê isso acontece, precisa-se explicar um pouco do contexto sócio - histórico em que vivemos, no qual a sociedade naturaliza o comportamento da mulher submissa à figura masculina, além disse, naturaliza o comportamento de ciúmes, que se acredita que é um sinal de “amor”. Além disso, as participantes basearam suas opiniões sobre o que é o conceito de relacionamento abusivo em suas próprias experiências vividas dentro de um relacionamento com abuso psicológico.

Um sinal muito frequente em relacionamentos abusivos é o enfraquecimento dos vínculos, como distanciamento de amizades ou até mesmo de familiares, pois o parceiro abusador gosta de ter o total controle sob a vida da parceira, inclusive sobre suas amizades, e esse fato envolve muito a questão do ciúmes doentio e da obsessão. As duas participantes relataram perda de amizades.

L.: Ele tentou fazer uma festa surpresa para mim, mas ele chamou só os amigos dele para o aniversário, parecia que eu estava no aniversário dele. Aí acho que foi nesse momento que eu me toquei e pensei que o negócio estava feio, chegou em um ponto que estava completamente insustentável. Aí o lance do aniversário foi um start, foi quando eu percebi que eu não tinha mais amigos, foi quando caiu a ficha mesmo.

F.: Como eu disse para você, eu aprendi a sair só com ele, gostava da companhia dele, a gente saía, a gente dava muito bem, mas teve uma vez, no churrasco, falei para ele que eu ia sair com uma amiga, chamar essa minha amiga para ir junto ao churrasco, e assim, ele já tinha bebido, ele virou e falou “Você quer uma amiga? Quer uma amiga falsa? Eu compro um cachorro para você”, e assim, ela é bem morena, sabe? Ele atingiu ela, com um grande preconceito naquele dia.

Outra percepção que é importante discutir sobre o sentimento de inferioridade que as participantes sofreram, no qual os respectivos parceiros, durante as brigas, humilhavam-nas e ameaçavam-nas. E essas situações podem desencadear um sentimento de dependência emocional para com os parceiros, visto que a autoestima delas estaria abalada por tais insultos, além disso, esses sintomas podem gerar o sentimento de impotência perante o abuso, que será mais aprofundado no próximo subnúcleo.

Segundo Ballone (2008), o comportamento abusivo é frequente no relacionamento íntimo através de violência física, sexual e psicológica ou emocional. Para ele o abuso psicológico pode ser tão ou mais prejudicial que o abuso físico e acontece em ambos os sexos. Esse abuso se caracteriza por rejeição, humilhação, depreciação, discriminação, desrespeito entre outros.

A participante L. e a participante F. comentaram sobre:

L.: Porque, tipo assim, a gente voltou a ter muitas brigas, e nessas brigas, ele me ofendia bastante, falava que eu era louca, que eu tinha depressão, que eu tinha que me tratar, e eu tinha mesmo, todo mundo tem que se tratar, tem que fazer terapia. Eu tinha problemas e eu precisava tratar desses problemas, como se ele não tivesse causado esses problemas em mim também, né?

F.: Uma vez a gente foi na balada e eu não tinha roupa, porque eu realmente não tinha roupa, minhas roupas eram muito simples e ele queria me levar em lugares mais chiques, aí fomos comprar, chegou lá, ele pegou um vestido assim todo transparente, sabe? Tampava assim, o bico do peito, aí eu xinguei, sabe? Aí eu falei “É isso que você quer que eu use? Então você está com a pessoa errada” e assim, aquilo me ofendeu demais, sabe? Mas assim, foram poucas as vezes que eu impus alguma coisa.

Com essa discussão, percebe-se que ambas as participantes tiveram uma dificuldade para compreender e entender que estavam passando por um relacionamento com abuso psicológico, pois relatam uma falta de informações e que não tinham um conhecimento prévio sobre o assunto, além disso, é difícil para o indivíduo que está passando pelo abuso e não tem muito conhecimento sobre, conseguir refletir e reconhecer que está passando por esse tipo de relacionamento, pois em muitos casos a violência é mais velada e o indivíduo precisa lidar com escolhas e perdas no relacionamento.

4.3.2 “EU SEMPRE ABAIXAVA A CABEÇA”: SOBRE O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA PERANTE O ABUSO

Este núcleo está relacionado com o anterior, entretanto, busca aprofundar os sentimentos de impotência que as participantes sentiam perante aos abusos que sofreram. É de extrema importância discutir sobre esse tema, pois ele está bem presente na narrativa de ambas as participantes e pode-se observar nas duas entrevistas realizadas, segue os trechos.

L.: Eu nunca fui aquela pessoa que fica postando foto com o namorado, postei umas duas vezes para datas comemorativas ou com acontecimento especial, e ele implicava muito com isso, ele queria que eu postasse foto com ele todo dia, tipo assim, na véspera do aniversário dele, ele já estava me cobrando da foto para postar no dia seguinte, e tipo assim, se eu não postasse foto com ele, ele ficava muito puto e ameaçava terminar comigo.

Com o trecho acima, retirado da entrevista com L., pode-se compreender que ela não conseguia perceber e identificar suas opções de escolha, ela era passiva em seu relacionamento e não conseguia fazer o que ela gostava e queria fazer, seu ex-namorado colocava uma pressão em cima dela, conseqüentemente, ele a ameaçava para ela fazer exatamente as coisas que ele queria, sem levar em consideração a opinião ou o jeito de ser dela. Além disso, seu ex-namorado usava de estratégias de manipulação, para conseguir o que desejava, e isso é um sintoma de relacionamento abusivo, com violência psicológica.

De acordo com Barretto (2015) a relação abusiva é aquela onde predomina o excesso de poder sobre o outro. É o “desejo” de controlar o parceiro, de “tê-lo para si”. Geralmente, esse comportamento inicia de modo sutil e aos poucos ultrapassa os limites causando sofrimento e mal-estar.

A participante F. partilha do mesmo sofrimento, também sofreu com situações no qual se sentiu muito impotente, como será mostrado no trecho abaixo.

F.: Eu chorava, tudo eu chorava, pelo o jeito que ele falava me dava medo, ele falava gritando, sabe? Perto de outras pessoas e eu tinha vergonha, então eu ficava sem graça, e daí quando eu chorava, ele já gritava novamente “Mas já vai chorar de novo?”, e falava besteira, sabe? E as situações foram sendo mais comum dessa maneira, entende? Qualquer situaçãozinha que havia alguma briga, era uma briga muito feia, perto das pessoas, ele acelerando o carro, sabe? Já aconteceu vezes dele me buscar no serviço, a gente estar brigado, e ele falar para eu entrar no carro e eu falei que não ia entrar e ele começou a gritar, e eu pensar tipo “Melhor você entrar logo, antes que as pessoas percebam, sabe?”.

A participante F., sofreu por várias situações de abuso psicológico, sendo esses abusos bastante intensos. Ela passava por situações de impotências frequentemente em seu relacionamento, como esses momentos citados no trecho acima, foram ficando frequentes e cada vez mais comuns. Junto com o sentimento de impotência, vinha também o medo e a vergonha, o medo da agressividade de seu ex-parceiro, medo de impor o que queria e sofrer com as conseqüências, que eram as ameaças, as brigas, os gritos, inclusive na frente de todos

da rua e de seus colegas de trabalho, e isso a gerava sentimento de vergonha e humilhação, por isso nunca impunha suas vontades e acabava cedendo para o que ele exigia.

Pode-se observar uma diferença de vivências entre as duas participantes, nos dois relacionamentos existem o abuso, o sentimento de impotências, entretanto, são vivenciados de formas diferentes. No relacionamento de L. é um abuso que ocorre na intimidade do casal, não é exposto aos demais, acontece na forma de controle, ciúmes e ameaça. Já no relacionamento de F., o abuso é exposto, aparece à agressividade explícita, além do controle, humilhação e agressão física.

Com isso, fica mais difícil de identificar o relacionamento abusivo, quando o abuso não é explícito, quando não é exposto, quando as ameaças não são tão claras, entretanto, não significa que na relação que o abuso é mais explícito, conseqüentemente, mais fácil de identificar, seja mais fácil de sair, nos dois tipos de relação há uma grande dificuldade da vítima para sair desse ambiente abusivo.

Ademais, a participante L. comenta:

L.: O relacionamento abusivo afetou muito no sentido também de eu pensar que eu não tinha mais nada, que o único pilar da minha autoestima era ele, e isso, tipo, “puts e agora? O que eu vou fazer?”, era muito isso, porque eu me sentia uma pessoa burra por não passar no vestibular. E tipo assim, eu não me sentia mais tão bonita, porque eu nem tinha tempo de me arrumar, então tipo assim, eu tinha zero autoestima mesmo. Aí eu pensei assim “então, tá bom, vamos continuar aqui, porque ele é melhor que nada.

Com o trecho exposto acima, pode-se compreender que o relacionamento abusivo para L. teve algumas conseqüências, como por exemplo, a perda de sua autoestima, L. não se sentia mais bonita e nem capaz, acreditava que não era capaz de entrar em uma faculdade de medicina, visto que já era seu quinto ano de cursinho e até então não tinha conseguido passar, conseqüentemente ela ficou muito dependente emocionalmente de seu ex-namorado, pois não se sentia bonita, não se sentia capaz e acreditava que a única coisa que ela tinha naquele momento era seu ex, ela não conseguia ver outras possibilidades a não ser continuar com ele.

É importante pontuar que a mulher vítima de violência deixa clara a desordem de sentimentos depois de passar pela violência, principalmente quando esta é praticada pelo parceiro íntimo. As vítimas desenvolvem insegurança frente aos sentimentos demonstrados, considerando a variabilidade de um extremo a outro, onde podem ser observados comportamentos de submissão, medo, ingenuidade e vulnerabilidade feminina construída ao longo da história (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Por fim, no relato abaixo, além de desqualificar o sujeito, o abusador submete a força bruta para com a participante F declarou:

F.: Só que dessa vez que eu voltei foi diferente, porque ele foi me buscar no horário do almoço, eu fui para casa dele, novamente conversar, né? Eu sempre abaixava a cabeça, eu tinha medo, eu não o enfrentava de frente, desta vez eu também não enfrentei ele, mas eu lembro que eu falei “Aí, tá, tá, tá” e mostrei o dedo do meio para ele. Nessa hora, ele veio e me deu uma chacoalho, me jogou na cama e me deu um tapa no rosto. Eu fiquei sem reação, super sem reação, comecei a chorar, a querer ir embora, ele disse que eu não ia trabalhar mais naquele dia, eu fiquei desesperada, novamente ele pegou a Dutra, fez um percurso totalmente diferente do meu serviço, acabou me deixando no serviço super atrasada, eu fiquei na rua, chorando, chorando e chorando.

Nesse trecho, observa-se que o abuso, que antes era somente psicológico, se concretizou em um abuso físico, um tapa no rosto, é perceptível o quanto a participante se sentiu impotente nesse momento. Primeiramente, percebe-se que ela teve impotência e não reagiu ao que foi exposto e não impunha sua opinião ou vontades, por questões como o medo e ameaças que ela sofria, a única vez que ela tentou confronta-lo, ela foi submetida ao abuso físico.

Por fim, pode-se observar que o sentimento de impotência foi vivenciado pelas duas participantes, entretanto, foram vivenciados de formas diferentes, pois ambas passaram por relacionamentos abusivos bem diferentes, enquanto em um relacionamento o abuso era mais implícito, acontecia na intimidade do casal, além de ser um abuso mais camuflado, mais sutil e a vítima era mais passiva, o outro relacionamento já existia um abuso mais grave e intenso, era exposto, havia agressões verbais e físicas, além de vergonha e humilhação, não apenas na intimidade do casal.

4.3.3 “EU ME MOLDEI MUITO PARA ENCAIXAR NAQUILO QUE ELE GOSTAVA”: SOBRE OS SENTIMENTOS DE PERDAS DE ASPECTOS DO EU

Este núcleo discorrerá sobre conteúdos da constituição subjetiva das entrevistadas, que são relacionados aos sentimentos de perda de aspectos do eu. Aborda as sensações que as participantes identificavam que tinham antes do relacionamento e que durante o relacionamento, não perceberam mais. Outro exemplo é o sentimento de perda da liberdade

que elas sentiam durante a relação, como por exemplo, conversar com os amigos, de usar determinadas roupas e de sair pra determinados lugares. Todos esses aspectos estão envolvidos nesse subnúcleo.

As participantes L. e F. passaram por esse sentimento de perda de aspectos do eu, como mostrado nos trechos abaixo, bem como ambas tiveram perdas de vínculos sociais, como a perda de amizades, como mostrado nos trechos abaixo.

O relacionamento abusivo é permeado pelo excesso de controle que um parceiro tenta exercer ou exerce sobre o outro. Esse movimento pode fazer com que um parceiro se torne refém do outro por meio de um monitoramento que é constante, justificado pela ideia distorcida de cuidado e por brigas causadas em diversas situações do dia-a-dia. Configuram-se abusos quando uma pessoa tenta permitir ou proibir com quem a pessoa pode ou não falar, escolhe as roupas que este pode ou não usar, monitora as mensagens no celular e redes sociais, dentre outros comportamentos. Esforços estes que são utilizados no intuito de isolar o parceiro oprimido somente para aquele que oprime (PAIVA, FIGUEREDO, 2003):

L.: E a gente começou a namorar e tal e sempre foi muito tranquilo, mas aí começou muito de eu sair muito com os amigos dele, a gente, todo final de semana, tinha alguma coisa envolvida com os amigos dele. E aí era muito difícil sair com os meus amigos do cursinho, por quê? Por causa de tempo, eu não tinha tempo. Então o tempo que eu tinha ou eu saía só com ele, ou eu saía com os amigos dele, e aí nisso, já começou a ficar meio esquisito, porque né, não é para isso acontecer.

F.: E ele me afastava de todas as minhas amizades, porque todos os lugares que a gente saía, era só nós dois então... Eu lembro de uma situação muito, muito chata, que eu tinha uma amiga, um pouquinho invejosa (risos), mas minha amiga, e ele não gostava dela, na verdade ele não gostava de amiga nenhuma minha, ele queria que eu fosse exclusivamente dele.

Pode-se observar no trecho acima, que a participante L. se afastou de todos os seus amigos inconscientemente, seu ex-namorado queria ela exclusivamente para ele e no máximo com seus amigos nas poucas horas livres que ela tinha e tudo isso foi acontecendo de forma gradual, no qual, fez com que ela não percebesse de imediato o que estava acontecendo. Entretanto, com a participante F. essa situação foi menos sutil, seu ex-namorado manipulava-a, dizendo que suas amigas eram falsas com ela, que sua amiga não gostava dela de verdade e sempre deixou claro que não gostava de suas amizades, porém F., como já citado anteriormente, tinha dificuldades e medos de se impor na relação.

Com esse distanciamento das amizades, ocorre à fragilidade dos vínculos, criando assim uma relação de dependência da vítima com o parceiro, e essa dependência faz com que a mulher se torne cada vez mais passiva, sem autonomia para lidar da forma que deseja no

relacionamento. Essas rupturas de vínculos, é a forma, na qual, o parceiro da vítima tem o controle da situação, fazendo com que as trocas fiquem restritas, ou seja, a vítima vai ter seus vínculos de amizades fragilizados, ficando somente com o papel de “namorada”, e por a vítima estar nessa situação, no qual, só existe troca com seu parceiro, ela não apresenta um enriquecimento de percepções e apropriações.

Por conseguinte, a participante L. sofreu com o sentimento de perda de sua liberdade, pelo fato de que ela não podia sair sem ele, não podia ir a aniversários de amigos sem ele, ele sempre tinha que estar junto quando ela ia sair com seus amigos, entretanto, ela nunca proibiu ele de ter essa liberdade de sair com os amigos dele, pelo contrário, ela não se importava se ele saísse sozinho com os amigos, sempre acreditou que é algo saudável para o relacionamento “não era uma via de mão dupla, eu fazia muita coisa, mas ele não fazia bosta nenhuma”.

L.: Eu não tenho muito conhecimento sobre isso, se é ou não abusivo, mas, por exemplo, ele saía bastante sem mim e eu não podia sair sem ele, talvez seja algo que seja importante ser dito, e assim, em uma dessas nossas voltas aí depois de setembro, ele foi naquele show do Wesley Safadão, em São José, foi em uma sexta – feira, ele foi pra lá, mas eu ia ter aula no outro dia, e ele foi sem mim. Não surtei, não fiz nada, mas assim, se fosse ao contrário eu ia rolar, sabe?

Pode-se observar uma relação desigual e injusta, pois a figura masculina da relação podia sair sozinho com os amigos, fazer e frequentar lugares no qual desejava, entretanto, a figura feminina da relação não tinha o mesmo direito. Esse comportamento é chamado de machismo, como já discutido anteriormente, a cultura machista está enraizada na hierarquia da população e no qual foi passado de geração em geração, “que implica em um sistema de representações e dominações que utilizam o argumento do sexo” (DRUMONT, 1980).

Leontiev (1978) acrescenta que cada geração começa a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes.

Ademais, a participante F. comentou sobre um episódio que foi muito marcante para ela:

F.: E aos poucos eu fui percebendo que ele montava na cabeça dele uma mulher que ele queria ter, então diversas vezes, ele falava para mim que eu era linda de salto alto, tinha que nascer uma mulher de tão bonito que era, que a perna ficava escultural... E tipo, eu só uso sapatilha, rasteirinha, poxa, eu não fazia questão de usar salto e de tanto ele falar aquilo, aquilo entrou na minha cabeça, então assim, eu procurava me vestir como uma mulher, tipo, “Nossa para ele uma mulher tem que se vestir assim, então eu vou procurar me vestir assim.

F.: E o tempo foi passando e a gente foi ficando junto, ele me ensinou a beber, coisa que eu não fazia, eu não bebia nada e ele falava assim para mim “Que graça tem alguém ir para Ubatuba, comer uma porção, escutar um pagode e estar com pessoa que não bebe comigo?”, e eu, no comecinho, falava assim “Meu, se esta ruim assim volta para sua ex, ela bebia, não bebia?”. Mas com o tempo, eu querendo me moldar a ele também, né? Ele fazendo minha cabeça de tipo “Poxa, vai bebe, me faz companhia”, ai então eu aprendi a beber, assim como eu aprendi a usar salto, assim como eu aprendi a me arrumar bem mais “mulher” aos olhos dele, então assim, eu me moldei muito para encaixar naquilo que ele gostava.

Com esses dois trechos citados acima, pode-se perceber o quanto o ex-namorado de F. queria muda-la, molda-la para ser a mulher que ele gostaria que ela fosse, manipulando-a para usar as roupas que ele queria e para começar a beber o que ele gostava, ele não aceitava ela da forma que ela era, nem a opinião e gostos que ela tinha, ele queria muda-la para ser exatamente como ele era. Nesse trecho pode-se perceber também que F. não se impôs sobre isso, pelo contrário, foi-se moldando para ser aceita pelo ex-namorado e, conseqüentemente, não o contraria, evitando assim brigas e discussões com o mesmo.

A humilhação, os insultos e as ameaças ao parceiro (a) define de um modo geral a violência psicológica e emocional nas relações abusivas. Também estão descritos como exemplos de abuso psicológico o controle de certas atividades, a tentativa de destruir a autoestima e autoconfiança, tentar isolar a pessoa dos seus amigos e família, o comportamento de possessividade irracional ou demasiado ciúme e mesmo terrorismo emocional sobre o parceiro. O abuso emocional tem origem no desejo do agressor controlar o comportamento da outra pessoa, tentando dessa forma diminuir a sua autoconfiança e limitando a sua capacidade de agir. Relativamente a este tipo de agressão é tão frequente em homens como em mulheres, porém, os homens estão mais propensos a aumentar a intensidade do abuso quando sentem que estão a perder o controle, podendo mesmo recorrer a violência física (MANUEL, 2014).

Com a discussão deste núcleo, pode-se concluir que o sentimento de perdas do aspecto do eu estava bastante presente no relacionamento de ambas as participantes. Ambas sofreram com a fragilidade de vínculos sociais, por causa da obsessão e ciúmes do parceiro. Além disso, L. sofreu com a relação desigual e injusta, na qual o parceiro, por ser uma figura masculina podia sair sozinho com seus amigos, entretanto, L. por ser uma figura feminina, não tinha esse direito. Já a participante F. sofreu com a situação de que seu ex-namorado

queria molda-la, conseqüentemente, F. começou a se vestir e comportar de maneiras diferentes, apenas para agradar seu parceiro.

4.4 O CICLO DO ABUSO

Este núcleo irá abordar e discutir sobre o ciclo do abuso, no qual as participantes passaram dentro de seus relacionamentos. Nos relacionamentos abusivos, tanto nos abusos físicos quanto nos psicológicos, há a presença de um ciclo, no qual existe uma série de ações comuns que os agressores realizam com a vítima. Pode-se observar esse ciclo do abuso no relacionamento das duas participantes do estudo, mesmo que de formas e intensidades diferentes.

O ciclo do relacionamento abusivo é descrito em três fases, a primeira fase é a tensão no relacionamento, pode vir acompanhado de agressão verbal, gritos e xingamentos; na segunda fase ocorre a explosão da violência; por fim ocorre a terceira fase, também chamada de fase da “lua de mel”, nesta fase o agressor se arrepende de tudo o que causou.

Segundo as participantes L. e F.:

L.: Ai ele começou a falar que eu estava estranha e que ele já estava desconfiado a muito tempo, começou a falar que eu parei de gostar de ficar com ele, que eu mudei meu jeito com ele, ou seja, ele já começou a me colocar como a culpada da história, começou a inverter as coisas e se colocar como vítima, sendo que, tipo, não tem nada a ver e eu comecei a chorar.

F.: Depois de me colocar tanto medo, eu chorava, eu mostrava que estava com medo, ele sentou, chorou e fez de vítima, tentou se explicar em diversas situações ali das mensagens, mesmo assim, eu disse que queria ir embora, que para mim, eu não queria mais nada, não queria mais continuar, e ele disse que não ia me levar embora, me colocou no carro, disse que eu não ia embora, eu com medo, né? Morrendo de medo, mas ai ele disse que a gente iria almoçar junto, ai ele pegou estrada, eu com muito medo, muito nervosa, não sabia que ele ia fazer, mas ai a gente acabou almoçando juntos, ele se fazendo de vítima, eu caindo na dele, e ai continuamos e eu fiquei com ele um ano e meio quase dois anos.

Nesses dois trechos citados acima, pode-se perceber que no relacionamento de ambas, o namorado tentava inverter a situação, quando eles se deparavam com algo de errado que eles haviam feito, eles modificavam a situação, se faziam de vítima e tentavam colocar a culpa em atitudes e ações de suas parceiras, para dessa forma, fazer o jogo emocional, ou seja, manipulá-las para que elas se sentissem culpadas por determinados comportamentos que eles tiveram e assim perdoá-los. Pode-se identificar isso na fala a seguir de F:

F.: Eu sentia que eu gostava dele, eu sentia que às vezes eu estava errada em alguma situação, por exemplo, a tal situação aconteceu F., porque você me provocou tal coisa, tipo ele jogava a culpa em mim e eu acabava acreditando que se eu tivesse agido diferente, ele não teria agido daquela forma, então eu sempre achava que tinha um pouco de culpa minha nas reações dele, então achava que se eu voltasse e fizesse diferente, podia ser que, sei lá, desse certo, entendeu?.

Peixoto e Nobre (2015) referem que a mulher se sente culpada porque a responsabilidade da violência recai sobre ela, além disso, a sociedade busca, em seus comportamentos, a justificativa para a violência.

L.: Muito péssimo, foi muito traumático, de todos os términos que eu já tive, esse foi o pior, porque eu não conseguia sair dessa situação, e quando a gente terminou, depois da gente ter discutido do celular, a gente voltou, depois a gente terminou de novo, sabe? A gente terminava e voltava sempre, por coisa besta, entende? E era sempre eu que terminava, ele não queria terminar, eu acabava voltando sempre, porque eu gostava demais dele, e aí eu estava percebendo que talvez a minha vida sem ele não daria certo, porque eu já não tinha amigo direito, virou uma dependência emocional, sabe?

F.: E daí era aquela mesma história, ele ia no meu serviço, eu falava que não ia entrar no carro, ele falava que ia me ameaçar se eu não entrasse no carro, aí eu entrava, a gente acabava conversando e a gente acabava voltando, aí a gente ficava bem de novo.

As brigas dentro de um relacionamento abusivo é algo frequente, se tornam até comuns, brigas até mesmo por motivos desnecessários, até que chega em um ponto do relacionamento que essas brigas se tornam términos de namoro, entretanto, é muito difícil para a vítima do abuso conseguir se desvincular de vez do parceiro, por causa da dependência emocional, que já foi tratado anteriormente, mas é importante citá-la novamente, segundo a participante L. “Virou uma dependência total, 100% dependência, foi completamente tóxico”.

Por causa do relacionamento tóxico, pela quebra de vínculos de amizade, a manipulação do parceiro, entre outros motivos, a vítima se torna dependente do companheiro, porque ela não se sente capaz, não se sente segura e viver uma vida sem ele, esse fato a leva a voltar com o parceiro, mesmo estando infeliz, mesmo cansada das brigas e insatisfeita com o relacionamento. Entretanto, não apenas esse motivo que fazem com que as vítimas tenham dificuldade de sair desse relacionamento, ambas as participantes relataram que gostavam

muito de seus parceiros e que tinham esperanças de que as coisas mudassem entre eles, que as coisas melhorassem.

Segundo Soares (2005) o rompimento de uma relação violenta pode demorar anos, considerando que muitas mulheres podem continuar com seus companheiros devido à dependência financeira, ao medo de morrer, já que sofrem ameaças, a espera pela mudança do comportamento do companheiro, a vergonha de assumir o fracasso do relacionamento ou a dependência emocional.

F.: Dai a gente foi para praia, e assim, depois de uma briga feia, a pessoa te humilhar, gritar, te botar medo e tudo mais, ele chegava chorando, pedia desculpa, disse que naquele dia que ele mandou mensagem, ele não estava comigo, por isso mandou mensagem para ela e bla bla bla bla, e eu caía, talvez eu gostasse mesmo dele, ai a gente ficava bem de novo.

F.: E também porque ele mexeu comigo, então assim, vamos conversar daí ele vem, dá um abraço, dá um beijo, coisa que eu não tive com homem nenhum eu acho, depois dele ou antes dele, sabe? Alguém, assim, que a química batesse demais, então eu achava que isso interferia muito, ele sabia meus pontos fracos.

Por fim, esses dois últimos trechos citados pela participante F. retrata de forma significativa o ciclo do abuso, no qual podemos identificar as três fases do ciclo, a tensão, a explosão e depois o arrependimento, também chamado de fase da “lua de mel”, essa fase, para a F. “valia muito cada carinho que ele me dava”, para ela, a fase da “lua de mel” era a melhor fase, pois ele a tratava muito bem, dava carinho, abraço, beijo, coisas que ela não teve com nenhum outro homem.

Entretanto, essa fase vem sempre depois de uma briga ou uma explosão e isso foi mencionado por ela “mas a explosão dele era demais, não sei se você consegue imaginar, uma vez ele quebrou o dedo, pois deu um soco na parede, eu tinha muito medo, mas depois era tudo tão lindo”. Por isso, muitas vezes, eles terminavam a relação, mas F. acabava voltando com ele, pois ele arrependido, conversava com ela, manipulava-a e dava a ela o que ela mais gostava, o carinho, com isso, ela sempre esquecia as coisas ruins que haviam acontecido e focava nas coisas boas e que ela gostava de sentir.

Segundo os autores Albertim e Martins (2018), como o próprio nome já diz, isso é um ciclo. Cada vez que uma mulher passa por esse percurso, mais fragilizada psicologicamente e mais desacreditada de si mesma ela fica, sendo de extrema importância o apoio de uma terceira pessoa para auxiliá-la no rompimento do ciclo do abuso.

Portanto, conclui-se que o ciclo do abuso está presente em todas as relações abusivas, ele tem três fases, a fase da tensão, no qual o parceiro agride o outro com insultos verbais e

gritos; ademais, tem a fase da explosão, no qual o parceiro se descontrola e parte para a agressão física; e por fim tem a fase da “lua de mel”, que vem acompanhada de arrependimento e esses arrependimentos aparecem em forma de carinho, pedidos de desculpas, e outros tipos de carinhos para suas respectivas parceiras. A repetição dessa lógica pode causar traumas, padecimentos e também uma autoestima fragilizada das vítimas.

5. CONCLUSÃO

Esse trabalho se dedicou ao estudo dos sentidos atribuídos por mulheres heterossexuais, que vivenciaram um relacionamento abusivo, com a presença de violência psicológica, na cidade do Vale do Paraíba. Primeiramente, buscou discutir sobre o processo sócio - histórico das relações abusivas vividas por mulheres no Brasil, percorrendo assim, épocas e culturas desde a antiguidade, passando pela época da colonização até os tempos atuais no Brasil, para assim, chegar a uma melhor compreensão sobre o lugar da mulher na organização da vida em sociedade.

Percebe-se que existe uma cultura enraizada no comportamento e ações das pessoas, no qual a estrutura social é marcada por relações hierárquicas de poder, favorecendo a figura masculina, a lógica machista, ou seja, representações e dominações que modificam a relação entre homens e mulheres, no qual são divididos entre sexo dominante e sexo dominado.

Por conseguinte, para compreender os afetos e percepções vividas por mulheres que experienciaram o relacionamento abusivo, o estudo entra no processo de apreensão dos sentidos, no qual as participantes tiveram durante o relacionamento. Como resultado desta análise, foi observado que ambas as participantes tiveram percepções diferentes do abuso, pois passaram por relações bem distintas, enquanto o relacionamento da participante L. era mais implícito, o abuso ocorria na intimidade do casal, não era exposto, além disso, todos os sinais de abuso eram bem sutis. O relacionamento de F. o abuso era mais explícito, exposto e mais intenso, chegando até a ocorrer agressões verbais e físicas, além de vergonha e humilhação.

Pode-se concluir que um relacionamento abusivo pode ser vivenciado de diversas formas, por exemplo, no relacionamento de L., no qual o abuso não foi explícito, ela teve mais dificuldade de identificar que estava passando por um abuso. Já no relacionamento de F., no qual o abuso foi explícito, ela teve mais facilidade de identificar que estava passando por

um relacionamento abusivo. Entretanto, isso não significa que em uma determinada relação a vítima tenha mais facilidade ou dificuldade de sair desse ambiente abusivo.

Sobre as percepções, identifica-se que ambas as participantes tiveram dificuldades para identificar o abuso em seus relacionamentos, pois o abuso veio camuflado de ciúmes, preocupação, cuidado e amor. Apenas quando os abusos ficaram mais fortes, como por exemplo, perdas de vínculos de amizade, brigas excessivas dentro da relação, agressividade e quando elas se viram com sua liberdade ameaçada, começaram a identificar que aquele relacionamento não era saudável e que aqueles comportamentos não eram adequados para se ter em suas relações.

Sobre os sentimentos experienciados durante os relacionamentos, ambas relatam sentimento de impotência perante ao abuso e perdas de aspectos do eu. Esses dois sentimentos aparecem com frequências nas entrevistas realizadas com elas, eles envolvem a submissão das participantes em frente a um abuso e a sensação de não conseguir mudar e sair daquele ambiente, além de uma percepção que engloba as sensações e comportamentos que as participantes identificavam que tinham antes do relacionamento e que durante essa relação, não perceberam mais, e também o sentimento de perda da liberdade.

Por fim, é de extrema importância concluir que existem grandes dificuldades no enfrentamento das relações abusivas, principalmente pelo fato das participantes terem tido uma dificuldade de percepção e compreensão de que estavam enfrentando um abuso psicológico em seus relacionamentos, isso acontece, pois, primeiramente relatam que não tinham um vasto conhecimento prévio sobre o assunto, conseqüentemente, tiveram dificuldade de analisar a si mesma e seus próprios relacionamentos, e assim, reconhecer que estavam passando por essa situação. Uma dificuldade importante encontrada por elas, foi a dependência emocional perante aos seus parceiros, para ambas foi difícil se desvincular de seus relacionamentos e de seus parceiros, por conta dessa dependência criada pelo abuso psicológico.

Considera-se relevante a produção de conhecimento sobre o tema a fim de proporcionar uma reflexão sobre um fenômeno tão importante e que é muito frequente nas relações amorosas, com maior frequência em relações na qual a vítima é mulher. Mulheres passando, diariamente, por esse tipo de relacionamento, entretanto não têm dificuldades de identificar o fato ou de sair desse ambiente. Isso acontece, pois se está exposto a uma cultura enraizada na população, no qual o homem tem mais poder, mais voz e é uma figura mais ativa, já a mulher é a figura submissa, passiva, e até hoje estamos expostos a essa cultura machista.

REFERÊNCIAS

- ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. **Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas**. Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE.
- ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. **RELACIONAMENTO ABUSIVO: O CONTROLE SOBRE A ROUPA, BELEZA E CORPO DA MULHER**. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- PAIVA, Carla; FIGUEIREDO, Bárbara. **ABUSO NO CONTEXTO DO RELACIONAMENTO ÍNTIMO COM O COMPANHEIRO: DEFINIÇÃO, PREVALÊNCIA, CAUSAS E EFEITOS**. PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS, 2003, 4 (2), 165-184.
- BARRETO, Raquel. **RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVES AO PONTO FINAL**. GÊNERO, Niterói, v.18, n.2, p.142 – 154, 1. Sem 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. ISSN 2176-6681.
- BOCK, Ana. **Fundamentos teóricos da psicologia sócio-histórica: A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. P.15 – 35.
- SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Rev. SBPH [online]. 2005, vol.8, n.2, pp. 65-76. ISSN 1516-0858.
- GUEDES, Dilcio; ASSUNÇÃO, Larissa. **Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?)**. Revista mal-estar e subjetividade, vol. VI, n. 2, setembro, 2006, p. 396-425, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- SIQUEIRA, Dirceu; SAMPARO, Ana Julia. **Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade**. Revista Direito Em Debate, 26(48), 287-325.
- CHAGAS, Maristela; MARQUES, Maria de Fátima; BARROSO, Maria Grasiela. **Mulheres operárias: vida doméstica e qualidade de vida**. V. 18, n. 3, 2005.
- PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense, 2003
- QUERINO, Luciane Cristina; DOMINGUES, Mariana; LUZ, Rosângela. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós, n. 2, agosto de 2013.
- SIMÕES, Fatima; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais – Brasil, Rev. Vozes dos vales, 2012.

DRUMONT, Mary. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

NEVES, José. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, V.1, n. 3, 2o SEM./1996

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 1º ed. São Paulo: Claridade, 2011

SANTOS, Cecília MacDowell. Da delegacia da mulher à Lei Maria da Penha: Absorção/tradução de demandas feministas pelo Estado. Revista crítica de ciências sociais, n. 89, p. 153-170, 2010.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009, p 67-75.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polít. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

BRITO, Jussara Cruz de. **Enfoque de gênero e relação saúde/trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.16, n.1, jan/mar 2000, p.195-204.

OLIVEIRA, A. **Feminismo. Enciclopédia Luso-Brasileira**. Lisboa: Verbo, 1969.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. P. 261-284.

CALAZANS, Myllena; CORTES, Iáris. **O processo de criação, aprovação e implementação da Lei Maria da Penha**. CAMPOS, Carmen Hein de. Lei Maria da Penha comentada em uma perspectiva jurídico-feminista. Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 39-64, 2011.

OLIVEIRA, Aline Martins; BERGAMINI, Gésica Borges. **Esquemas desadaptativos de mulheres em relacionamentos abusivos: uma discussão teórica**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 9, n. 2, p. 796-802, 2018.

ONDDA, F. V. 14 sinais de que você é vítima de abuso psicológico: o Gaslighting, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/14-sinais-de-que-voce-e-vitima-de-abuso-psicologico-o-gaslighting/>>. Acesso em: setembro de 2017.

DE SOUZA, Hugo Leonardo; CASSAB, Dr^a Latif Antônia. Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro. 2010.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso de gênero na psicologia social**. "Psicologia & Sociedade: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social". ISSN 0102-7182. 13:1 (2001) 107-128.

PEIXOTO, Aimê. NOBRE, Bárbara. **A responsabilização da mulher vítima de estupro**. Revista **Transgressões: CIÊNCIAS CRIMINAIS EM DEBATE**, Natal, v. 3, n. 1, p.227-239, maio 2015.

FONSECA, Denire Holanda.; RIBEIRO, Cristiane Galvão.; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. **Violência doméstica contra a mulher: realidade e representações sociais**. **Psicologia & Sociedade**. 2012; 24 (2): 307-14.

SOARES, M. B. (2005). **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

BARRETTO, Raquel Silva. **O que caracteriza o relacionamento abusivo?** Repórter Unesp. 2015. Disponível: <http://reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acessado em 28/09/2020

MANUEL, Soraia Cristina Gonçalves. **A violência no namoro entre jovens adultos**. Dissertação de **Mestrado**. Universidade do Porto. 2014.

ANEXO A PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência psicológica contra a mulher: uma análise dos sentidos.

Pesquisador: Camila Young Vieira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31243220.5.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.074.932

Apresentação do Projeto:

PROJETO ADEQUADAMENTE APRESENTADO

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral: compreender os sentidos atribuídos por mulheres adultas que experienciaram um relacionamento abusivo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

TCLE - Os riscos implicados na sua participação são mínimos, caso ocorra qualquer desconforto gerado pela participação na entrevista, a

pesquisadora responsável (contato abaixo) estará à disposição para acolher e indicar o melhor encaminhamento para essa demanda no Centro de

Psicologia Aplicada – CEPA, localizado na rua Barão da Pedra Negra, nº 235, Centro, Taubaté – SP. Caso haja algum dano ao participante, será

garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Benefícios:

TCLE - a participante não terá benefício direto, entretanto, estará contribuindo para a construção de

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep@unitau.br

Continuação do Parecer: 4.074.932

conhecimento na área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa interessante e com importante aspecto social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em ordem

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 05/06/2020, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1543121.pdf	20/05/2020 18:57:49		Aceito
Outros	CartaRespostaCEP_V.pdf	20/05/2020 18:57:04	Camila Young Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.doc	20/05/2020 17:03:10	VANESSA CAZALI MAGALHAES	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	20/05/2020 17:01:49	VANESSA CAZALI MAGALHAES	Aceito
Outros	Entrevista.docx	25/04/2020 20:11:38	VANESSA CAZALI MAGALHAES	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	25/04/2020 19:48:38	VANESSA CAZALI MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEV.pdf	25/04/2020 13:41:46	Camila Young Vieira	Aceito
Declaração de	TCPV.pdf	25/04/2020	Camila Young	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210**Bairro:** Centro**CEP:** 12.020-040**UF:** SP**Município:** TAUBATE**Telefone:** (12)3635-1233**Fax:** (12)3635-1233**E-mail:** cep@unitau.br

Continuação do Parecer: 4.074.932

Pesquisadores	TCPV.pdf	13:41:17	Vieira	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoV.pdf	25/04/2020 13:39:44	Camila Young Vieira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 08 de Junho de 2020

Assinado por:
Wendry Maria Paixão Pereira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A Sra. está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa **“Violência psicológica contra a mulher: uma análise dos sentidos”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Camila Young Vieira e da aluna pesquisadora Vanessa Cazali Magalhães. Nesta pesquisa pretendemos compreender os sentidos atribuídos por mulheres adultas que experienciaram um relacionamento abusivo, além de compreender o processo sócio histórico das relações abusivas vividas por mulheres no Brasil, os afetos e as percepções das mulheres que vivenciaram o relacionamento abusivo e discutir facilidades e dificuldades no enfrentamento dessa situação. Sua participação ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada gravadas por áudio. Essa entrevista poderá ocorrer presencialmente no local e data de sua preferência ou online, diante das circunstâncias de pandemia. Em ambas as situações será garantida as condições de sigilo e de prevenção à saúde.

Ao aceitar participar da entrevista, a participante não terá benefício direto, entretanto, estará contribuindo para a construção de conhecimento na área. Os riscos implicados na sua participação são mínimos, caso ocorra qualquer desconforto gerado pela participação na entrevista, a pesquisadora responsável (contato abaixo) estará à disposição para acolher e indicar o melhor encaminhamento para essa demanda no Centro de Psicologia Aplicada – CEPA, localizado na rua Barão da Pedra Negra, nº 235, Centro, Taubaté – SP. Caso haja algum dano ao participante, será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. A Sra. receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, na Biblioteca de Biociência da Universidade de Taubaté, localizada na Avenida Tiradentes, nº 500. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra. não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar.

Rubricas: pesquisador responsável _____ participante _____

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a senhora. Para qualquer informação a Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável por telefone (12) 98154-0034 (inclusive ligações à cobrar) ou e-mail camilayoung33@gmail.com. E com a aluna pesquisadora pelo telefone (12) 98101-0601 (inclusive ligação à cobrar), ou pelo e-mail vanessa.cazali@hotmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.

Camila Young Vieira
Pesquisadora Responsável

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“Violência psicológica contra a mulher: uma análise dos sentidos”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. _____, _____ de _____ de 2020.

Assinatura da participante

APENDICE A

ENTREVISTA

- 1 – Fale-me um pouco sobre você, quem é você? Como é sua composição familiar?
- 2 – O que você entende sobre relacionamento abusivo?
- 3 – Conte-me um pouco sobre sua experiência dentro do seu relacionamento abusivo.
- 4 – Você ficou quanto tempo nesse relacionamento?
- 5 – Quais foram os primeiros sinais que você identificou de um abuso psicológico?
- 6 – Qual momento você se deu conta que estava vivendo um relacionamento abusivo? Pode-me descrever uma cena?
- 7 – Quais foram os ganhos no seu relacionamento? Quais aspectos fizeram com que você ficasse no relacionamento?
- 8 – Depois que você se viu em um relacionamento abusivo, como foi? o que você fez para tentar mudar e sair desse ambiente? Conte-me um pouco como fez para sair. (explorar as dificuldades)
- 9 – Fale um episódio, se puder, descreva uma cena que você passou em seu relacionamento que foi muito doloroso pra você.
- 10 – Como foi sua vida, sua história depois de sair desse relacionamento?